

AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM: A ESCOLA COMO AMBIENTE DE FUGA DO PAVILHÃO E DA CELA

AFFECTIVITY AND LEARNING: THE SCHOOL AS AN ENVIRONMENT OF ESCAPE FROM THE CELL AND THE PAVILION

AFECTIVIDAD Y APRENDIZAJE: LA ESCUELA COMO ESPACIO DE ESCAPE DE LA CELDA Y DEL PABELLÓN

Clésia Carneiro da Silva Freire Queiroz¹

RESUMO: Este artigo investiga a influência da afetividade no processo de aprendizagem em escolas localizadas no sistema prisional. Parte-se do reconhecimento de que as relações sociais nesses espaços são marcadas por desconfiança e violência, o que torna o ambiente educativo singular e desafiador. Utilizou-se metodologia qualitativa, combinando revisão bibliográfica e observações em uma escola prisional feminina em Pernambuco. Os resultados indicam que o estabelecimento de vínculos afetivos entre professores e alunos potencializa a motivação, a compreensão e a reflexão crítica, promovendo a humanização do ensino em contexto de privação de liberdade. Ressalta-se a importância de se aprofundar investigações e práticas pedagógicas que valorizem a dimensão afetiva, contribuindo para o fortalecimento da educação prisional e a promoção dos direitos humanos.

Palavras-chave: Afetividade. Aprendizagem. Educação Prisional. Vínculo Afetivo. Ressocialização.

ABSTRACT: This article examines the influence of affectivity on the learning process in schools located within the prison system. It recognizes that social relationships in these settings are marked by distrust and violence, making the educational environment unique and challenging. A qualitative methodology was employed, combining bibliographic review and observations in a female prison school in Pernambuco, Brazil. The findings indicate that establishing affective bonds between teachers and students enhances motivation, understanding, and critical reflection, promoting the humanization of education in contexts of deprivation of liberty. The study highlights the need to deepen research and pedagogical practices that value the affective dimension, contributing to strengthening prison education and the promotion of human rights.

Keywords: Affectivity. Learning. Prison Education. Affective Bond. Resocialization.

RESUMEN: Este artículo analiza la influencia de la afectividad en el proceso de aprendizaje en escuelas situadas dentro del sistema penitenciario. Reconoce que las relaciones sociales en estos espacios se caracterizan por la desconfianza y la violencia, lo que convierte al ambiente educativo en un contexto singular y desafiante. Se empleó una metodología cualitativa, combinando revisión bibliográfica y observaciones en una escuela penitenciaria femenina en Pernambuco, Brasil. Los resultados indican que el establecimiento de vínculos afectivos entre docentes y estudiantes potencia la motivación, la comprensión y la reflexión crítica, promoviendo la humanización de la educación en contextos de privación de libertad. Se destaca la importancia de profundizar investigaciones y prácticas pedagógicas que valoren la dimensión afectiva, contribuyendo al fortalecimiento de la educación penitenciaria y la promoción de los derechos humanos.

Palabras clave: Afectividad. Aprendizaje. Educación Penitenciaria. Vínculo Afectivo. Resocialización.

¹Mestre em Ciências da Educação pela Veni Creator Christian University. Professora no Centro de Observação Criminológica e Triagem Professor Everardo Luna- COTEL- Pernambuco.

I. INTRODUÇÃO

A escola, ainda no século XXI, é frequentemente alvo de desaprovação e intolerância, por negligenciar aspectos que transcendem a capacidade cognitiva dos estudantes, os quais também carregam vivências, emoções e sentimentos, tais como medos, frustrações e insatisfações. Diante dessa compreensão, evidencia-se a interdependência entre afetividade e intelectualidade, conforme destaca Maturana (2001, p. 46): “[...] nada ocorre nos animais que não esteja fundado numa emoção”.

É fundamental criar um ambiente de aprendizado onde o desânimo e as dificuldades não sejam vistos como barreiras intransponíveis. Isso se faz com a construção de vínculos afetivos positivos entre professores e alunos. Como destaca Nunes (2014, p. 131), o professor não precisa ser um terapeuta, mas deve estar atento às necessidades emocionais e intelectuais dos estudantes. Para isso, o educador deve observar sinais como expressões faciais, postura e comportamentos. É importante tentar entender o mundo do aluno para descobrir o que realmente o motiva.

A entrada do indivíduo no ambiente escolar configura um momento de transição repleto de desafios, ora vividos com tranquilidade, ora permeados por ansiedade e insegurança. A aprendizagem é construída nas relações sociais e nas experiências cotidianas, nas quais o sujeito mobiliza suas capacidades motoras, intelectuais e afetivas, interagindo com o mundo conforme sua história e condições ambientais. O desenvolvimento ocorre de modo integral e singular, conforme enfatizado por Shakespeare em Hamlet (Ato II, cena II), ao exaltar a complexidade e nobreza do ser humano.

Este estudo objetiva refletir sobre a afetividade e a aprendizagem no contexto escolar prisional, motivado por observações realizadas na Escola Estadual Irmã Dulce (PFAL-PE), que evidenciaram a importância das relações afetivas na prática pedagógica entre professores e estudantes privados de liberdade.

A metodologia adotada combinou abordagem qualitativa, com pesquisa bibliográfica e observações em campo. O tema revela-se relevante pela influência positiva da afetividade nas relações educativas em ambientes de privação de liberdade. Impõe-se a necessidade de desenvolver estudos que apoiem o ensino e a aprendizagem, explorando o papel do componente afetivo nas metodologias pedagógicas, a fim de favorecer a compreensão e a participação crítica dos alunos. Nesse sentido, a revisão teórica contempla reflexões de Wallon, Vygotsky, Piaget e Skinner sobre a afetividade e suas implicações na educação.

2. REVISÃO DE LITERATURA

O processo de ensino e aprendizagem é influenciado por múltiplos fatores, incluindo as técnicas docentes e as características pessoais do professor, que impactam o tratamento dado ao currículo e às relações com os alunos. A afetividade entre educador e educando destaca-se como um elemento central nesse contexto.

Serão abordadas as perspectivas de Piaget, Wallon e Vygotsky acerca do vínculo afetivo na escola, ressaltando sua importância para o desenvolvimento do aprendizado.

2.1 Afetividade e sua relevância na vida escolar

O afeto contribui para a construção da autoestima, dignidade e segurança do indivíduo, facilitando a aquisição do conhecimento de forma prazerosa. Na ausência desse vínculo, emergem sentimentos de incapacidade e desmotivação, prejudicando o aprendizado (Capelatto et al., 2014).

Segundo os autores, o cuidador deve estabelecer limites claros, exercendo autoridade sem excessos, para garantir segurança e liberdade na medida adequada ao desenvolvimento do aluno. As emoções, manifestas no cotidiano, exigem do indivíduo recursos para seu controle, viabilizando a convivência social (Bechara, 2003).

O desempenho escolar está diretamente relacionado à qualidade da afetividade entre professor e aluno. Relações marcadas pela indiferença dificultam a expressão e o engajamento do estudante, comprometendo a superação de desafios (Woolfolk, 2015). Assim, o afeto configura-se como um instrumento facilitador do processo educativo, influenciando positivamente as respostas emocionais aos eventos escolares.

2.2 Contribuições de Piaget, Vygotsky e Wallon

Embora Piaget tenha sido criticado por sua ênfase no sujeito isolado, reconhece-se seu reconhecimento da afetividade como fonte energética da inteligência, ainda que não condição suficiente para seu funcionamento (Piaget, 2014). Ele ressalta a complementaridade entre afeto e cognição, destacando que sem afetividade não há interação eficaz com o objeto de estudo, o que inviabiliza a construção do conhecimento.

A evolução moral, segundo Piaget (2002), ocorre paralelamente ao desenvolvimento da sensibilidade, fundamentada em princípios sociais e não em desejos pessoais. Para o autor (2011),

não existem ações puramente intelectuais ou afetivas; ambas se inter-relacionam, e a motivação, pautada em princípios, orienta o aprendizado.

Vygotsky (1998) amplia o conceito de afetividade, incluindo aspectos biológicos e sociais, vinculando-a à disposição, concentração, caráter e individualidade. A afetividade influencia diretamente a motivação, a memória e a relação professor-aluno, sendo essencial para a aprendizagem significativa.

O desenvolvimento individual ocorre pela interação histórica e cultural, e o educador deve associar o conhecimento às emoções, evitando que o saber se torne estéril (Vygotsky, 2001). A separação entre afetividade e cognição é questionada, pois ambas se manifestam integradas no ser humano.

Wallon (2008) apresenta a afetividade como domínio funcional que evolui organicamente, integrando-se gradualmente à cognição. Sua teoria destaca a escola como espaço crucial para o desenvolvimento integral do indivíduo, mediado pela afetividade entre professor e aluno (Ferreira e Regnier, 2010). O ambiente escolar molda as manifestações afetivas e influencia o padrão de relacionamento interpessoal.

2.3 Afetividade e aprendizagem sob a perspectiva de Skinner

1411

Skinner (1966) nos lembra que o comportamento pode ser moldado tanto pelas consequências diretas de nossas ações (contingências) quanto pelas regras que aprendemos em sociedade (Matos, 2001). No ambiente prisional, especificamente na Escola Estadual Irmã Dulce, percebemos que a interação entre professores e alunos é construída sobre respeito, afeto e a compreensão de regras e valores.

Muitas alunas chegam ao sistema prisional com um histórico de experiências e valores negativos, muitas vezes intensificados pelo abandono familiar e social. Essa realidade torna o desafio da educação ainda maior. Por isso, o ensino precisa ir além da simples entrega de conteúdo, incorporando a troca afetiva como um pilar essencial.

A afetividade favorece a resgatar a dignidade e a autoestima, melhora nossa capacidade de ouvir e refletir, e abre caminho para planejar um futuro diferente. Um ensino que abraça a afetividade fortalece a confiança entre todos e impulsiona transformações significativas (Freire, 2018).

Nesse contexto, o educador representa peça fundamental para conduzir os sujeitos a estados de maior humanidade, conforme o conceito freireano de “ser mais”, resultado da ampliação da consciência e do protagonismo dos aprendizes.

Pino (1997) reforça que os fenômenos afetivos refletem a natureza sensível do ser humano, moldados pelas relações sociais e pelo contexto cultural, os quais conferem significado afetivo às experiências cotidianas.

2.4 A escola como ambiente de fuga do pavilhão e da cela

As unidades prisionais são espaços de segurança rígida, restrição de liberdade e rigorosos protocolos, nos quais a subordinação é imperativa para a manutenção da ordem e do próprio bem-estar dos detentos (Ireland, 2010). O sistema prisional brasileiro enfrenta desafios estruturais que dificultam a implementação eficaz da educação prisional, exigindo avaliação das condições específicas de cada unidade para identificar potencialidades e obstáculos (Scarfó, 2009).

Maeyer (2013) destaca a contradição entre os princípios da prisão e da educação, enfatizando a necessidade de experiências positivas para o aprendizado. Gadotti (1993) ressalta a complexidade do trabalho do educador prisional, que deve lidar com ambientes hostis e ameaçadores, reconhecendo o potencial da educação para promover mudanças comportamentais e sociais.

A educação no cárcere é valorizada pelos detentos como meio de redução da pena e reintegração social, permitindo-lhes reaver uma identidade cidadã e acessar condições dignas, como alimentação adequada e atenção pedagógica (Lourenço, 2007). No entanto, persistem desafios para que a oferta educacional alcance padrões aceitáveis de qualidade.

As políticas pedagógicas devem ser adaptadas às especificidades da população carcerária, considerando suas particularidades psicológicas, sociais e culturais, distintas dos alunos em contexto escolar convencional (Onofre, 2007).

Ademais, a privação de liberdade implica em alterações nas relações familiares, laborais e espaciais dos detentos, repercutindo em sua percepção do mundo e dificultando a manutenção de vínculos e representações mentais (Onofre, 2007). Para que as políticas educacionais no sistema prisional sejam eficazes, é imprescindível compreender essas dinâmicas e assegurar o respeito aos direitos humanos, alinhando ações pedagógicas e de segurança a preceitos constitucionais que garantam a educação como direito de todos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegarmos ao final desta análise, fica evidente a necessidade premente de repensar o papel da afetividade e da escola dentro do sistema prisional. Não se trata apenas de transmitir

conhecimento, mas de construir um espaço de refúgio e desenvolvimento para indivíduos que, em muitos casos, chegam ao cárcere com um profundo esgotamento emocional e social.

A efetivação da afetividade no processo de ensino-aprendizagem exige o estabelecimento de vínculos emocionais recíprocos. As jovens privadas de liberdade ingressam na unidade prisional com uma carga emocional negativa, frequentemente marcada por desesperança e autolesões. Nesse cenário, compete aos educadores não apenas transmitir conteúdos, mas construir relações de troca afetiva que promovam o desenvolvimento integral dos estudantes. Estratégias como atividades lúdicas, engajamento prático e estímulo à expressão emocional favorecem a restauração da dignidade e autoestima dos educandos.

A escola representa um espaço vital de refúgio frente à violência e ao isolamento do cárcere, onde o afeto deve ser constante para assegurar uma aprendizagem crítica e humanizadora. É responsabilidade do professor fomentar um ambiente que valorize o comprometimento emocional dos alunos, facilitando a assimilação dos conteúdos e evitando barreiras afetivas. Além disso, cabe à equipe docente preparar os estudantes para assumirem papéis ativos no processo educativo, promovendo a mediação e o desenvolvimento da autonomia cognitiva, conforme a perspectiva de Vygotsky.

Portanto diante dessa explanação, este estudo evidencia a importância do trabalho docente para ampliar as oportunidades laborais e sociais dos detentos, possibilitando-lhes reconstruir suas trajetórias de vida. Essa transformação depende, contudo, do apoio institucional e da compreensão do valor social e humano da educação prisional.

1413

Em suma, é necessário reconhecer os apenados como sujeitos portadores de direitos humanos, desvinculando a educação prisional exclusivamente do conceito de ressocialização tradicional. É fundamental assegurar práticas pedagógicas que promovam a cidadania e o respeito à dignidade, em consonância com os preceitos constitucionais, garantindo que a escola no cárcere seja, de fato, um caminho para a reintegração social e para uma vida com mais sentido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Antoine. O papel positivo da emoção na cognição. In: ARANTES, Valéria Amorin (Org.). **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. 4.ed. São Paulo: Summus, 2003.

CAPELATTO, Iuri, Victor; LIMA, Ricardo Franco de; CIASCA, Sylvia Maria; SALGADO-AZONI, Cíntia Alves. **Funções cognitivas, autoestima e autoconceito de crianças com**

transtorno de déficit de atenção e hiperatividade. Psicologia: Reflexão & Crítica, Porto Alegre, v.27, n.2, p.331-340, 2014,

FERREIRA, Aurino Lima; REGNIER, Nadja Maria Acioly. **Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação.** Educar em Revista, Curitiba, v.36, p.21-38, 2010.

FREIRE, Paulo R. N. **Pedagogia do oprimido.** 81.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

GADOTTI, Moacir. Palestra de encerramento. In: MAIDA, M.J.D. (Org.). **Presídios e educação.** São Paulo: FUNAP, 1993. p.121-148.

IRELAND, Timothy D. **Educação em prisões no Brasil: direito, contradições e desafio.** In: IRELAND, Timothy D. Educação em prisões. Porto Alegre: UFRGS, 2010. p.19-42.

LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão.** São Paulo: Summus, 2019.

LOURENÇO, Arlindo da S. **As regularidades e singularidades dos processos educacionais no interior dos presídios e suas repercussões na escolarização de prisioneiros.** In: ONOFRE, Elenice Maria C. (Org.). Educação escolar entre as grades. São Carlos: EduFSCar, 2007.

MAEYER, Marc de. **A educação na prisão não é uma mera atividade.** Educação & Realidade, Porto Alegre, v.38, n.1, p.33-49, jan./Mar. 2013.

MATOS, Maria Amélia. **Comportamento governado por regras.** Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, São Paulo, v.3, n.2, p.51-66, dez.2001.

1414

MATURANA, Humberto R. **Cognição, ciência e vida cotidiana.** Belo Horizonte: UFMG, 2001.

NUNES, Vera. **O papel das emoções na educação.** 2.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.

ONOFRE, Elenice Maria C. **Escola da prisão: espaço de construção da identidade do homem aprisionado.** In: ONOFRE, Elenice Maria C. (Org.). Educação escolar entre as grades. São Carlos: EduFSCar, 2007.

PIAGET, Jean. **Relações entre a afetividade e a inteligência no desenvolvimento mental da criança.** Tradução e organização: Cláudio J. P. Saltini e Doralice B. Cavenaghi. Rio de Janeiro: Wak, 2014.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia.** 25. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

PIAGET, Jean. **A construção do real na criança.** Tradução de Ramon Américo Vasques. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

SCARFÓ, Francisco. **Educação em prisões na América Latina: direito, liberdade e cidadania.** Brasília: UNESCO, OEI, AECID, 2009.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Psicologia pedagógica.** Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WALLON, Henri. **Do ato ao pensamento: ensaio de psicologia comparada**. Tradução de Gentil Avelino Titton. Petrópolis: Vozes, 2008.

WOOLFOLK, Anita E. **Psicologia da educação**. Porto Alegre: ArtMed, 2015.

ZANIN, Joslene; OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. **Penitenciárias privatizadas: educação e ressocialização**. Práxis Educativa, Ponta Grossa, PR, v.1, n.2, p.39-48, jul. /Dez, 2006.